

GONZALEZ-CARVAJAL, Luis, *Ideas y creencias del hombre actual*. — Santander, Sal Terrae, 1992, 2a. ed., [Col. Presencia social; 2] 21 x 13,5cm, 190 pp., ISBN 84-293-0901-2

Ao lado do pensamento acadêmico, há idéias e crenças que influenciam o comportamento humano. O A. pretende estudá-las na modernidade e pós-modernidade. Para descrever esses dois momentos, usa a categoria weberiana de “tipo ideal”. Isola mentalmente as tendências características do fenômeno modernidade e pós-modernidade, como se elas reinassem sozinhas em toda a sua pureza, sem verem-se contrariadas por forças opostas. Trata-se de uma construção mental, já que na realidade não existe ninguém que seja puramente moderno ou pós-moderno. Não é algo arbitrário, mas com fundamento na realidade. O termo ideal não tem conotação ética, mas é simplesmente uma construção mental. O livro está escrito a partir de uma perspectiva pastoral, com valorações feitas à luz da fé cristã.

Num capítulo introdutório, o A. situa o cristão diante da cultura. Inicia definindo o termo cultura. Assinala o duplo sentido de cultura erudita e de cultura vivida. A primeira é antes obra do indivíduo com matiz voluntário e consciente, enquanto a cultura vivida é da coletividade, com conotações passivas, freqüentemente inconscientes. Hoje estes dois tipos de cultura se aproximam e se interrelacionam.

Interessa-se o A. pela questão do diálogo entre fé e cultura numa perspectiva de inculturação em contraposição ao duplo extremo de uma rejeição ou de uma identificação entre a fé e uma determinada cultura. Ambos extremos terminam sendo prejudiciais à cultura e à fé. A tarefa hoje é entabolar o diálogo da fé com a cultura moderna e pós-moderna. E a primeira condição é o conhecimento desta cultura, quer através de seus porta-vozes intelectuais, quer através da cultura vivida pelo homem comum. E em seguida, processa-se um discernimento dos seus valores e contra-valores

Em busca de conhecer a modernidade, o A. escolheu-lhe seis traços, que ele considera fundamentais: a secularização, a mentalidade científico-técnica, a vontade emancipatória, a fé no progresso, a tolerância e o espírito capitalista burguês.

Depois de expor brevemente o percurso semântico do termo “secularização”, aduzindo exemplos desses significados, o A. chega à definição de secularização: “o processo pelo qual diversos âmbitos da vida social são subtraídos ao domínio que a Igreja vinha exercendo sobre eles” (p.47). Em seguida, mostra, a partir da fé, o seu aspecto positivo de purificar a imagem de Deus e a função

da Igreja na sociedade, de despertar a responsabilidade humana, e os seus aspectos questionáveis de transformar-se em secularismo, negando toda ultimidade e transcendência da vida. Apesar de traços secularizantes da Escritura, discorda da tese de alguns protestantes de que a secularização é fruto da fé cristã. A secularização levanta desafios à fé cristã atinentes à sua identidade e relevância, à perda do universo simbólico, à falta de apoios externos e à sua privatização.

A mentalidade científico-técnica é outra marca da modernidade. Não se trata tanto do fato do desenvolvimento das ciências e técnicas, — algo óbvio —, mas da criação de uma mentalidade que une o interesse prático da técnica com o teórico desinteresse das ciências, gerando uma mentalidade científica cada vez mais tecnicamente interessada. Sabe-se algo, para fazer coisas.

Na modernidade, a ciência se fez cada vez mais empírica e experimental a ponto de gerar uma mentalidade positivista, encurtando a capacidade de contemplação do homem moderno. A técnica desenvolveu-se e continua desenvolvendo-se cada vez mais rapidamente, atingindo a totalidade das atividades humanas. O A. analisa seu impacto no mundo da economia, da organização e da vida humana. Vive-se numa civilização técnica, onde triunfa a "razão instrumental". Ela impõe-se também no campo das relações humanas, faz seus estragos no âmbito da fé, reduzindo o cristianismo a um compromisso ético.

A resposta a tal desafio não pode ser o impossível recuo a uma era pré-científica e pré-técnica, mas o controle do homem sobre a técnica, situando-a no campo dos meios para objetivos e fins dignos do ser humano. Nisso o A. diverge da posição de J. Ellul que crê impossível distinguir na técnica a dimensão de meio e fim.

A vontade de emancipação caracteriza a modernidade: emancipação do sujeito na Ilustração, do cidadão na Revolução francesa, da classe operária no pensamento de Marx e da mulher no feminismo. Seguindo o método adotado, estuda-se cada um desses fenômenos na sua dimensão sociológica e emite-se um juízo teológico desde a perspectiva pastoral. Mostra também como tal fenômeno de emancipação suscita desafios à Igreja, tais como: superação de todo paternalismo, reconhecimento da imprescindível autonomia responsável das pessoas e da emancipação política. Em termos pastorais, isto significa que o regime interno da Igreja deve levar em consideração a corresponsabilidade, o respeito ao pluralismo, a liberdade de expressão, a informação transparente, as garantias jurídicas, a possibilidade da eleição dos pastores pelo povo e as reivindicações das mulheres.

Na sequência das características da modernidade, o A. aborda a questão da fé no progresso como processo contínuo, necessário e linear de aperfeiçoamento em articulação com a mentalidade histórica. Espera-se, no fundo, a salvação do progresso. E sob o prisma teológico, o A. mostra como se esconde nesta fé no progresso uma tentativa de o ser humano fazer as vezes de Deus, não aceitando seus limites e tomando decisões sobre a vida e morte de outras pessoas. A teologia reconhece o crescimento e desenvolvimento, mas aponta também a presença dum mal em crescimento, sobretudo causando vítimas do progresso. Daí a posição do cristão de ser porta-voz destas vítimas.

A caracterização da modernidade se conclui com os traços da tolerância e do espírito capitalista-burguês. A primeira articula-se com a liberdade de consciência e a segunda com uma série de qualidades do novo sujeito burguês. Mas há também os riscos do indiferentismo religioso e do individualismo, que desafiam a evangelização.

O livro termina com dois capítulos dedicados à cultura pós-moderna e a um balanço da mesma. Numa análise antes de sintomas e manifestações que de causas profundas, mostra alguns traços da pós-modernidade: mal-estar, término dos grandes discursos da modernidade — progresso, história, império da razão —, hedonismo e narcisismo, regresso do religioso, etc. E terminando, como balanço, aponta, com sucintas palavras, três tarefas na reeducação da fé na pós-modernidade: revalorização da experiência religiosa, uma teologia apofática e a reivindicação de um cristianismo festivo.

Livro didático, atualizado, leve, bem informado. Não se dedica o A. a estudos profundos, massudos e folhudos, mas a uma informação inteligente, a reflexões pertinentes e de fácil intelecção. Não traz novidades, mas atualiza quem ainda estiver alheio à problemática em questão. Frequentemente o A. alude à situação concreta social e religiosa da Espanha, com finalidade pastoral. Mesmo para outras situações, várias das observações são também pertinentes.

J. B. L.

LATOURELLE, René — O'COLLINS, Gerald (orgs.): *Problemas e perspectivas de Teologia Fundamental*. Trad. (do italiano) de Orlando S. Moreira. — São Paulo: Loyola, 1993. 372 pp., 23 x 16cm. ISBN 85-15-00598-0

Quando da tradução espanhola, fizemos a revisão do livro (PT 16 (1984): 391-393), chamando a atenção tanto para a alta qualidade dos autores que participaram dessa obra conjunta quanto para a variedade de temas. Agora o livro torna-se mais acessível ao público brasileiro.

Todos, que desejem aproximar-se da temática fundamental da teologia contemporânea, podem encontrar nele excelentes monografias sobre temas de grande atualidade. Evidentemente o livro reflete a problemática da década passada. Como certos temas caminham com certa rapidez, alguns enfoques ficam logo superados. Assim, p. ex., o estudo sobre a Teologia e religiões (P. Rossano) serve para mostrar como essa temática tem-se desenvolvido. O relato que o A. apresenta parece ainda balbuciante diante do que saiu depois e da gravidade dos problemas teológicos que têm sido levantados. Mas mesmo assim é interessante ler tais trabalhos para dar-mo-nos conta desse percurso teórico.

Os trabalhos vinculam-se muito diretamente aos ensinamentos propostos pelo Concílio Vaticano II. Esta referência quase literal ao Concílio de muitos temas tem, no atual momento, uma vantagem, mas contém certo risco. A vantagem advém de que esses ensinamentos ainda não foram assimilados por

amplos segmentos da Igreja. Além disso, corre-se continuamente o perigo de eventuais retornos a posições anteriores ao Concílio. Relembra-lo, repisá-lo no momento pode ser um bom serviço. Mas pode-se incorrer no risco de que já nos alertava K. Rahner, a saber, de fazermos com o Vaticano II o que se fez com Trento. Repeti-lo indefinidamente e nisso empobrecê-lo, em vez de assumirmos o embalo de seu espírito e caminharmos em direção a novos horizontes.

A leitura desse livro hoje pode cumprir a tarefa de esclarecer para muitas pessoas posições do Concílio Vaticano II de que ainda não se tem a posse tranqüila. Isto não deve dispensar o leitor de ir atrás de novas reflexões que avançam sobre as posições expostas.

Uma palavra elogiosa à Editora pela bela apresentação tipográfica e por lançar no mercado teológico brasileiro temas de peso, trabalhados por autores de renomada competência.

J.B.L.

PALACIO, Carlos: *Reinterpretar a vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1991, 189 pp., 20 x 13,5cm.

A Igreja está em preparação para o Sínodo sobre a Vida Religiosa (VR). Nesse contexto, entrar em contacto com o livro do P. Palacio pode ser uma boa ocasião para entender o momento atual da VR. O A. não pretende apresentar uma teologia sistemática da VR, pois, como ele mesmo diz, não se torna possível depois da "explosão da (sua) unidade monolítica" nesses últimos 30 anos. O livro apresenta reflexões profundas sectoriais em vista de superar um hiato entre ricas experiências da VR e a falta de uma reflexão teológica aprofundada sobre as mesmas.

O livro tem duas partes bem distintas que apontam para a origem diferenciada dos escritos. Uma primeira parte agrupa estudos anteriormente publicados em português ou unicamente em espanhol, mas que formam uma unidade.

Num primeiro capítulo se estuda o presente e futuro da VR no Brasil. Parte de Puebla, não enquanto texto, mas enquanto espírito, como desafio lançado à VR, ao exigir uma teologia espiritual capaz de sustentar uma experiência cristã de Deus, ao reconhecer a opção pelos pobres, ao insistir numa missão comprometida, ao introduzir a categoria do seguimento. Para dar conta duma reflexão mais orgânica, entretanto aberta e provisória, o A. recorre à categoria "marco teórico". Este se constrói num método indutivo, considerando os pontos de estrangulamentos atuais da VR e suas tendências e aspectos novos. Para isso, num primeiro lance o A. faz uma aproximação da realidade da VR no Brasil a partir duma pesquisa elaborada pela Diretoria Nacional da CRB. Chama a atenção para o ponto que considera mais característico e também fonte de impasses, a saber, a descoberta do povo sobretudo através da inserção. Em seguida, faz uma leitura teológica de tal análise da realidade e uma releitura da VR a partir da missão. É essa virada para o pobre que leva a VR a uma profunda reinterpretação de si mesma e de sua missão.

O segundo capítulo, de maneira mais ampla, retoma a mesma problemática numa perspectiva latino-americana. A experiência de inserção entre os pobres, característica original da VR na América Latina, está no centro da reflexão. Estudam-se-lhe as condições preliminares, as etapas, a própria realidade, as condições e a interpretação feita em Puebla. O A. mostra a insuficiência e limites da teologia tradicional da VR para dar conta dessa realidade e intenta elaborar uma nova teologia "possível". Esta se centra numa compreensão do mistério da Encarnação e em critérios teológicos objetivos de referência eclesial, à realidade, ao carisma religioso e à totalidade do Evangelho.

Um terceiro capítulo repensa esta teologia em vista da formação, tirando-lhe as consequências. Não se trata de uma simples coexistência pacífica de diferentes formas de formação, mas de uma "conversão evangélica", exigida hoje pelas situações que interpelam a VR. A formação é pensada como mistagogia, em que a experiência pessoal ocupa lugar de relevo, sem perder o senso da hierarquia dos valores. A relação entre formando e formador assume outra figura num processo permanente. A formação só é viável, se pensada como um processo pedagógico de diferentes etapas.

A segunda parte do livro compõe-se de um longo estudo que o A. fez sobre a experiência religiosa particular da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus (Charles de Foucauld). Apesar de ser um carisma especial, as reflexões ultrapassam-lhe a singularidade, adquirindo certa universalidade pela proximidade e afinidade dessa experiência com o dado original da VR na América Latina, a saber, com a inserção nos meios mais pobres.

É um estudo longo e profundo. Tenta logo de início atentar para a novidade da Fraternidade, sobretudo para a intuição de querer viver a experiência de Deus imersa na vida dos homens, dos pobres, quer percebendo sua presença, quer sua ausência (aparente). A partir desse ponto fulcral, o A. elabora uma profunda e ampla fundamentação cristológica. No fundo, é uma maravilhosa e densa síntese cristológica, em que Jesus aparece em toda sua dimensão humana. E nela se revela de modo paradoxal o escondimento e esvaziamento do seu ser divino. Emerge diante de nós o homem Jesus, na sua experiência de fé. A encarnação não se restringe, como nas velhas cristologias, a um estudo da união hipostática, mas é considerada como um processo, como solidariedade, como revelação. Recebe uma atenção especial a dimensão de Jesus contemplativo, ao estudar-se-lhe a experiência de Deus, a oração, a obediência, a fé. Desta contemplação de Jesus se caminha para a contemplação cristã e se elabora a pedagogia da contemplação.

Dois breves anexos fecham livro. Um sobre a inserção e outro sobre a quénose de Jesus (Fl 2,6-11) e sua solidariedade.

O livro é profundo, refletindo uma teologia densa e carregada de existencialidade. O A. entra nas camadas profundas da VR, onde estão acontecendo suas mudanças radicais, desvela-as, eleva-as ao nível da reflexão teórica, dando-lhes uma universalidade desconhecida. Nessa obra, o A. articula dois campos teológicos que domina em profundidade: a teologia da VR e a cristologia. Por esse motivo, a teologia da VR é iluminada desde suas bases cristológicas com o vigor e riqueza de uma cristologia robusta e consistente.

Assim o A. presta enorme serviço à VR, retirando-a do risco de uma rotina empobrecedora, sobretudo depois de certo cansaço das últimas décadas. Fala voltar às suas fontes cristológicas, sobretudo do seguimento de Jesus.

Brota do livro uma VR exigente. Não de uma exigência canônica ou legalista. Mas de uma exigência que surge de sua dupla experiência radical: experiência de Deus no seguimento do Jesus quenótico e na inserção entre os pobres. Vê o A. nesse duplo elemento a característica original significativa, ainda que não estatística da VR, na América Latina.

J. B. L.

BAUMERT, Norbert: *Frau und Mann bei Paulus. Überwindung eines Missverständnisses*. — Würzburg: Echter, 1992. 448 pp., 22,5 x 14cm. ISBN 3-429-01407-7.

Norbert Baumert é professor de exegese neotestamentária na Faculdade de Teologia dos Jesuítas em Frankfurt.

Neste estudo, ele apresenta os resultados da sua pesquisa exegética a respeito da concepção paulina da sexualidade humana e do papel da mulher na Igreja. N. B. pretende superar o mal-entendido em torno da pretensa polêmica antifeminista do apóstolo. Esta polêmica, atestada na história da interpretação dos respectivos textos paulinos e nas consequências de tal interpretação para a vida da Igreja, tem dificultado o acesso de não poucas mulheres e homens à Boa Nova.

A obra desenvolve-se em 4 partes. Na parte A (13-192), a principal do livro, o A. analisa, em 7 capítulos, textos das cartas autênticas de Paulo que tratam questões de ética sexual e matrimonial (sobretudo 1Cor 7 mas também 1Cor 6,12-20; 5,1-13; Rm 1,18-32; 1Tes 4,1-8 e outros) e textos referentes ao papel da mulher na comunidade cristã (1Cor 11,13-16; 14,33-36 e outros). Com enorme esforço exegético, baseando-se sobretudo em estudos filológicos, o A. descobre significados novos e surpreendentes que mostram o apóstolo, longe de qualquer rigorismo moral, como mensageiro da liberdade cristã também no campo da sexualidade humana.

A análise dos textos relevantes das cartas "deuteropaulinas" (Ef 5,15-33; Col 3,18; 1Tm 5,11-15 e outros) segue na parte B (193-230).

Base indispensável para uma correta interpretação das afirmações paulinas constitui a compreensão da antropologia bíblica. Esta é tratada de modo breve, porém, muito instrutivo na parte C (231-248). O A. esclarece os conceitos antropológicos hebraicos e gregos, seu uso teológico e mostra a incomensurabilidade do pensamento semítico e grego.

A última parte D (249-420), que ocupa quase a metade da obra, apresenta as consequências da nova compreensão dos textos paulinos, elaborada nas partes A e B, e discute sua relevância para problemas atuais das outras disciplinas teológicas. Esclarece as regras hermenêuticas básicas e aborda — sem-

pre dialogando com as posições teológicas contemporâneas, inclusive os documentos pontifícios — questões como a do acesso da mulher ao ministério ordenado, da situação eclesio-pastoral dos divorciados recasados, do celibato, da “concorrência” entre celibato e matrimônio, da sexualidade conjugal e das relações pré-matrimoniais. O Paulo “descoberto” no estudo do A. é um homem de grande sensibilidade pastoral pela relação entre homem e mulher na comunidade cristã. Quanto à questão do papel ativo da mulher na vida eclesial, o A. conclui que a análise do pensamento e da argumentação paulinos não só não justificam sua função secundária e submissa mas, ao contrário, favorecem sua participação responsável em toda a vida da Igreja, inclusive seu acesso ao sacramento da ordem.

O livro constitui uma contribuição importante no campo da antropologia teológica e merece ampla recepção e discussão.

W. K.

MORENO REJÓN, Francisco (coord.): *La Nueva Evangelización. Reflexiones, experiencias y testimonios desde el Peru.* / (Hanni Rolfes... et al.). — Lima: CEP, 1992. 299 pp., 20,5 x 14,5 cm. (Coedição: Instituto Bartolomé de Las Casas - Rímac)

Como sugere o subtítulo, o livro está dividido em três partes. A primeira, intitulada “Nova evangelização (= NE) e inculturação do Evangelho”, traz artigos de fundo sobre a temática. Eles são fruto de um seminário organizado pela área de teologia do Instituto Bartolomé de Las Casas, no decurso de dois anos. A segunda contém descrições de experiências de NE na realidade peruana, mas que ultrapassem os limites desse país e, portanto, podem ser lidas com proveito em todas as latitudes, em especial da América Latina. A terceira parte reúne testemunhos sobre duas figuras significativas na caminhada atual da Igreja peruana: o bispo Germán Schmitz e o irmão lassalista Noé Zevallos. São experiências e testemunhos que encarnam a NE nos últimos 25 anos, desde Medellín.

A primeira parte se inicia com um artigo de *Hanni Rolfes* (15-27). É uma espécie de artigo programático, onde são assinalados os objetivos, os principais eixos e alguns critérios para uma NE, concluindo com os desafios concretos que ela apresenta para a Igreja do Peru.

*Manuel Díaz Mateos* (29-53) vai buscar no Evangelho de Lucas inspiração para o que seja NE. Lc quer levar a sua Igreja, que sofre com a perda do ardor e do entusiasmo inicial, a que se evangelize primeiro a si própria. Daí a tríplice exigência que o A. mostra perpassar a obra lucana: o chamado a converter-se, escutar a Palavra e refazer a fraternidade, fugindo à auto-satisfação farisaica e ao amor à riqueza.

*Arturo Colgan* (55-74) destaca a contribuição libertadora do ensino social da Igreja latino-americana, desde Medellín, salientando a participação do povo e do laicato tanto no processo de elaboração como na recepção dos documentos.

De *Noé Zavallos* (75-97) o volume traz uma contribuição sobre a temática da cultura e inculturação. Depois de mencionar diversas abordagens do conceito de cultura, o A. se decide por descrevê-la a partir de três níveis identificados como espetáculo, sentido e núcleo valorativo. Passa a perguntar se existe uma cultura latino-americana, caracterizando as culturas pobres do Continente por serem populares, marginais e oferecerem resistência. Perguntando sobre a cultura adveniente, identifica-a não com a técnica, secularista e antimetafísica, importada do Primeiro Mundo, mas com a que se vai gestando no seio do povo. Em sua própria origem, ela deve ser confrontada com o Evangelho. Isto é inculturação.

A primeira parte conclui com o excelente artigo de *Ernesto Cavassa* (99-134) que explicita o conceito de inculturação como experiência fundante. O A. entende por experiências fundantes aquelas "nas quais se forja um novo estilo de vida, uma nova maneira de viver, sentir e pensar" (110). Uma evangelização inculturada tem por finalidade favorecer às pessoas de determinada cultura novas "experiências fundantes" que, "ao converter-se em convicções, possibilitem a configuração de novas e diferentes formas de ser cristão e desse modo contribuir com sabor próprio à tradição cristã" (112). Isso aconteceu na América Latina desde Medellín. Esta conferência "é o início de um modo inculturado de ser cristão" (114). Fruto desse processo foi a Teologia da Libertação.

A segunda parte traz uma série de experiências de NE que mostram como esta não é novidade, mas já está em curso na América Latina desde Medellín.

*Pablo Thai-Hop* (137-176) faz uma reflexão teológica sobre "o caminhar de uma Igreja evangelizadora e comprometida com os pobres", procurando compreender as dificuldades, fracassos e êxitos da Igreja peruana nos últimos 30 anos. No final apresenta os desafios atuais.

*Francisco Chamberlain* (177-196) relata e analisa uma experiência paroquial de NE: a articulação da paróquia de El Agostino, na periferia de Lima, com os movimentos sociais. Traça as grandes linhas de uma história de mais de 20 anos para extrair reflexões que possam ser úteis a outros ambientes e experiências.

*Adelaida Sueiro* (197-211) narra a experiência de "Villa El Salvador", uma das favelas mais famosas de Lima, pela sua bela história de conquistas e organização popular.

*Diego Irarrázaval* (213-227) apresenta a experiência de NE andina, que, superando a posição pedagógica e doutrinal anterior, procura que os próprios camponeses autóctones sejam protagonistas da evangelização, com suas tradições religiosas e sua forma de expressar-se.

*Juan Luis Moyano* (229-248) analisa a experiência das comunidades cristãs de Ilo, na costa peruana, na sua tarefa de reformular sua cultura num contexto diferente das origens que negava e desprezava os valores e estilo de vida tradicionais.

*Gastón Garatea Yori* (249-265) escreve sobre a experiência da Vida Religiosa que, desde Medellín, passou da observância à fraternidade, desta à missão,

desta à inserção, com destaque ao aspecto martirial. Um trabalho muito bom, experiencial, alentador.

A terceira parte está dedicada à memória de duas figuras carismáticas da Igreja peruana, carismática no sentido forte e exato do termo: portadores do dom do Espírito para o povo de Deus. Germán Schmitz, bispo auxiliar de Lima (269-290), e de Noé Zevallos, irmão lassalista (291-295) aparecem em toda sua grandeza aos olhos do leitor na pena de *Gustavo Gutiérrez*.

F.T.

ALVAREZ, Carmelo (editor): *Pentecostalismo y liberación. Una experiencia latinoamericana*. — San José/Costa Rica, DEI, 1992, 21 x 13cm, 280 pp. [Colección Tradición Protestante] ISBN 9977-83-059-2

Um grupo de líderes pentecostais da América Latina e Caribe debruça-se sobre o sentido da experiência pentecostal e apresenta esta reflexão, mais fruto da pastoral e vivência que de profundas elaborações teológicas. A maioria são pastores e pastoras que tentam articular a experiência pentecostal e a necessidade de libertação do nosso continente. O texto é fruto de apresentações num encontro pentecostal que se realizou no Chile (1990).

A primeira parte consta de uma rápida narrativa histórica do surgimento e desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil (O. Silva, J. Stevannatto), Chile (N. Sepúlveda), Nicarágua (A. Niño C.), Venezuela (R. Castillo) e na América Latina em geral (J. Sepúlveda). Nessa parte, apesar da abertura social e religiosa dos autores, não faltam algumas afirmações infelizes como dos dois autores que escrevem sobre o Brasil. Repetem ainda chavões já superados em meios mais inteligentes, ao referirem-se ao catolicismo como impregnado de "superstição religiosa e idôlatrica" (p. 21). Uma reflexão sobre a dimensão popular como chave hermenêutica do movimento pentecostal (C. Alvarez) e a santidade comprometida da ética social pentecostal (G. Lugo) fecha esta parte com elementos teóricos interessantes.

A segunda parte reúne trabalhos dedicados mais à pastoral. No primeiro capítulo Bernardo Campos estuda, por assim, dizer o estatuto epistemológico da categoria "testemunho", como uma primeira e necessária explicação da experiência, que, por sua vez, desemboca na teologia. É uma reflexão interessante sobre a estrutura básica do fazer teologia pentecostal e sua autoprodução simbólica. Em outro capítulo, N. Sepúlveda dedica-se ao estudo do caso do ministério autóctone na pastoral pentecostal chilena crioula. No capítulo seguinte, R. Cabezas volta a atenção para os dons do Espírito Santo em vista da edificação da comunidade. O A. faz sua reflexão sobre a finalidade dos dons do E. Santo desde o contexto social atual, problemático e ameaçador, ultrapassando um horizonte espiritualista e individualista em direção a uma perspectiva de conversão pessoal a Cristo juntamente com a experiência comunitária de participação ativa numa comunidade de fé e juntamente com uma experiência ecumênica comprometida com a transformação da criação e do mundo na linha da justiça, paz e amor. Conclui esta parte, um trabalho a partir da

perspectiva pentecostal e da mulher sobre a presença do E. Santo em todo o relacionamento Deus-mulher através da história bíblica (Rhode González). A A. mostra o papel da mulher, impelida pelo Espírito, no contexto sócio-histórico bíblico do Antigo e Novo Testamento.

A terceira parte trata da obra do Espírito. A libertação, como o processo de uma ação em direção à liberdade, é apresentada como sua obra (M. A. Casco). Trata-se de uma libertação humana, da história, integral, diante da qual a Igreja assume responsabilidade e compromisso. Em seguida, M. Guerrero Méndez desenvolve uma rápida eclesiologia desde a presença do Espírito, que está no seu nascimento — Pentecostes —, que lhe dá força para vencer as autoridades religiosas judias e as do império romano, que a faz luz do mundo e sal da terra, que lhe dá poder para fazer maravilhas e milagres, para vencer o pecado na natureza do homem e para restaurar nele a imagem e semelhança de Deus em luta com o demônio sedutor. O A. vê as igrejas nascidas da Reforma como expressão da liberdade religiosa, mas também como expressão de outra Babilônia por sua anarquia e confusão. Por isso termina sua reflexão apresentando a unidade da Igreja na diversidade dos membros como obra do Espírito. Esta terceira parte conclui-se com três capítulos dedicados ao movimento ecumênico de modo especial na A. Latina (G. Vaccaro), à contribuição específica do pentecostalismo (G. Vaccaro) e aos diferentes movimentos religiosos contemporâneos (S. Pilco).

A quarta parte reproduz a carta dos participantes do Encontro ao povo pentecostal latino-americano e caribenho, o documento final, a lista dos participantes e rápidas impressões sobre o mesmo (W. Artús).

É com alegria que se pode descobrir ao longo dos testemunhos e reflexões uma preocupação constante para corrigir a impressão e crítica comum de que o movimento pentecostal é alienante sócio-politicamente. Os autores fazem questão de mostrar sensibilidade e abertura social. E nesta perspectiva fazem suas reflexões e juram fidelidade ao pentecostalismo.

J.B.L.

GONZALEZ BUELTA, Benjamín: *Signos y parábolas para contemplar la historia. Más allá de las Utopías.* — Santander, Sal Terrae, 1992, [Col. "El pozo de Siquem"; 55] 20 x 13,5cm, 176 pp., ISBN 84-293-1066-5

No meio ao desalento, que a opção pelos pobres vem sofrendo por parte de muitos cristãos comprometidos devido a uma série de fatores adversos, o A. propõe uma reflexão de esperança e compromisso, baseada em Jesus de Nazaré, rocha firme de tal opção, para além das grandes e pequenas utopias históricas em crise. Meditando os sinais e parábolas de Jesus, podem-se descobrir sinais parecidos com os de nossa realidade. Destarte consegue-se descobrir nela a surpreendente vida do Reino. Isso implica contemplar a história no sentido de descobrir a dimensão mística, como uma última verdade do real, para comprometermo-nos com ela. O A. diz haurir algo da sabedoria contemplativa que vivem as comunidades marginalizadas. Ele é mestre de

noviços na República Dominicana, onde vive uma vida de profunda inserção no meio dos pobres.

Em quinze pequenos capítulos, o A. conduz o leitor a libertar sua visão da realidade, presa aos olhos do dominador, a fim de poder contemplar a realidade com o olhar de Jesus. Então se descobre uma vida nova que nasce nas periferias marginalizadas. Vida que não é só projeto a ser realizado mas também presença de Deus.

O A. dedica-se a estudar as imagens e parábolas, quer elaboradas por Jesus, quer pelo povo pobre a fim de ver a ação de Deus na história, como dimensão última do real.

A cegueira do coração impede de ver a obra de Deus. O A. trabalha biblicamente o tema da cegueira e das trevas na sua forma de instalação, de decepção, de sedução e de escuridão do justo e como os profetas e Jesus reagem diante delas.

Duas considerações são dedicadas a Jesus e Moisés. Jesus é a grande parábola de Deus e Moisés aquele que se encontra com o Senhor na periferia. Jesus aparece como centro da história, mas o faz na periferia. Descentra o mundo a partir da periferia, a sabedoria do centro a partir da loucura da periferia, desinstala a riqueza a partir da pobreza, desestabiliza o poder a partir da fraqueza, desqualifica o sistema a partir da morte e desvela a história a partir da ressurreição. Moisés é visto como alguém que se adentra profundamente na intimidade de Deus ao mesmo tempo que irá percorrendo as periferias de seu mundo até morrer nas fronteiras da terra prometida. Esta experiência de Moisés é estudada a partir dos símbolos do deserto, da sarça, da palavra e do bastão.

Os outros capítulos giram em torno do Reino: sinais do Reino que nascem na periferia e não caem do céu, conversão ao Reino, mistério do Reino, o novo do Reino, a criatividade do Reino, a conflitividade do Reino, o juízo do Reino, a celebração do Reino, a oração do Reino.

Nesses capítulos o A. mostra como as parábolas revelam o mundo de Jesus, sua profunda inserção na realidade de seu tempo e como ele se serve delas para indicar onde está o profundo da realidade do reino de Deus brotando do meio do povo. As parábolas criam novo sentido da realidade, pois por meio delas Jesus ensina como o reino muda tudo de sentido.

Há páginas mui lindas de comentário espiritual bem inserido na realidade do povo sobre passagens do evangelho. Merece destaque a meditação sobre a parábola do filho pródigo numa perspectiva libertadora. Ao longo das reflexões, são narrados pequenos exemplos populares de muita beleza humana e espiritual. Verdadeiros testemunhos de fé simples do povo em meio ao sofrimento e luta.

Um dos capítulos mais bem trabalhado se refere à dimensão de festa do reino em articulação com a realidade da vida dos pobres. Traça-se com realismo e beleza um pouco da real vida do povo.

Fecha o livro a indicação de algumas características da experiência contemplativa da história. Esta experiência é integrada na realidade, integradora

da pessoa, trinitária, comunitária, sacramental, de gratuidade, de uma nova sensibilidade contemplativa.

O estilo do livro é vivo, impactante. Toca a dupla tecla da Escritura e da realidade, procurando articulá-las. Ora a Escritura ilumina a realidade. Ora a partir da realidade, interpreta-se a Escritura.

O A. faz uma exegese mais pastoral, político-social e também espiritual no espírito da leitura militante de nossos grupos de base a partir da periferia, dos pobres que científica segundo os cânones da crítica literária.

Enfim, é um livro que nasce da meditação de uma pessoa comprometida com os pobres. A partir de tal situação faz uma leitura sobretudo das parábolas e imagens de Jesus, com algumas passagens também do Antigo Testamento. Somente em sintonia com esta experiência podem-se saborear as reflexões. Do contrário podem parecer muito simples demais ou forçadas na perspectiva do pobre.

*J.B.L.*